



Contos de fadas



Dilei Vilela
Historiadora e mestre
em Comunicação e
Pedagogia

O assunto “contos de fadas” surgiu após presenciar um acontecimento na porta da escola, mais precisamente no portão pelo qual os pequenos entram, sempre à parte, para não serem atropelados pelos maiores. A professora do Jardim, toda atenciosa, recebia seus alunos, dizendo bem calma que entrassem, que iriam ouvir historinhas. Qual não foi a minha surpresa, observando essa entrada, ao ouvir uma mãe pedir à referida professora que não deixasse sua filha ver vídeos da galinha pintadinha, pois ela poderia ter pesadelos quando dormisse, sonhando que a galinha a estaria bicando. A pobre professora nem conseguia falar, e a solícita mãe arrematou: o lobo mau pode, pois o cachorrinho dela é um maltês branco pequeno e ela não vai ficar com medo. Nessa altura, fui acudir a professora, que, sem fala, estava congelada no lugar.

Então vamos falar dos contos de fadas e de sua importância no mundo infantil, para depois continuar a falar das atitudes da professora. Parece incrível, mas os contos de fadas são milenares, do tempo dos egípcios, conhecidos em Roma, na Índia e na Grécia. Aliás, eles

têm sua origem nos celtas, tudo resultado de narrativas orais populares por esse mundo afora. Ganharam fama com os contos do sempre misterioso Oriente, com seus palácios e princesas, de que os viajantes falavam, mas a que nunca tiveram acesso. O mistério se contrapõe à magia e ao proibido. Somente no século VII têm início os registros escritos, mas as fadas, seres etéreos, vão aparecer no século XVII. A fantasia ganha força, prevalecendo a orientação moral. Vamos ouvir falar dos irmãos Grimm, que recolhem dados dos mitos e folclore alemão; e de Hans Christian Andersen, que dá ênfase à infância triste e dolorosa, cheia de superstições, e às lições de moral, usadas para reforçar regras de conduta e exemplificar as boas ações e maneiras, o perdão e a punição dos maus, sugerindo justiça e esperança.

Mas Walt Disney fez a releitura, deixando os contos mais leves, ao alcance de todos, sem chocar a família que, reunida, ia ao cinema e torcia pela princesa, odiando a bruxa e babando pelos animaizinhos falantes e inteligentes. No Brasil, um dos primeiros livros a serem lidos para as crianças foi *O patinho feio*, no começo do



©monteirolobato.com.br/stockphoto

século XX. Mas foi com Monteiro Lobato que as crianças começaram a procurar nas árvores, nas matas, em sítios próprios ou dos amigos, o senhor Visconde e sua Emília. Quantas propriedades receberam o nome de Sítio do Pica-pau Amarelo? Quantas vezes nos disseram que, se jogássemos uma peneira em um redemoinho (manifestação de ventos), pegariamos o Saci-Pererê? Ao menor ruído desconhecido, em algum lugar com árvores, nossa imaginação dizia que era a Cuca chegando. Um arrepio, seguido de frio na barriga e um medo maior ainda, nos fazia correr para casa, geralmente para debaixo da cama. Que farra, infância cheia de imaginação. Tivemos nossos contos de fadas tupiniquins. No nosso caso, a literatura brasileira lendária e escrita nasceram juntas – isso devemos a Monteiro Lobato.

Então me pergunto: o que será que a mãe toda preocupada com a galinha pintadinha e seu bico ameaçador sabe das histórias infantis? Quase nada, somente o que ela ouviu quando pequena e já esqueceu, pois sua professora provavelmente não sabia “ler” uma história, ou não tinha muito tempo para isso. Caso contrário, ela saberia que a imaginação infantil aprende a brincar e a se desenvolver. A escola sabe que os contos de fadas vivenciados pelos alunos, em gru-

pos e na sala, em papéis em que seus colegas são seus irmãos, sua professora é a mãe, e seu professor, o pai, vão ajudar no desenvolvimento da criança de um modo geral, pois contar histórias é um ato afetivo. A criatividade vai ficar mais vívida, a imaginação, mais forte, e a fantasia estará presente. A leitura é um estímulo ao aprendizado.

Feliz a escola onde os professores sabem ler com encantamento. Também espero que os contos de fadas sejam o que são: apenas contos, simplesmente para entreter. Pode ser perigoso atribuir outras propriedades ou outras intenções aos contos de fadas, pois, se assim for, o Papai Noel vai ter problemas para explicar um saco tão grande, e sua figura furtiva poderá ser comparada com a figura do imaginário brasileiro, trazida pelas histórias populares portuguesas: o homem do saco que leva crianças, ainda usado para incutir medo nos pequenos. Espero que não se procure pelo em ovo.

Ah! Quase me esqueci de dizer que a professora do início contou a história da galinha ruiva que achou um grão de milho, depois ela serviu pipoca a todos os seus alunos. Se alguém sonhou, foi com a pipoca. ■

dileivilela@ig.com.br